



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS VI
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

ELEXANDRO RODRIGUES XAVIER

**LITERATURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA NA TRAJETÓRIA DE CAMILLO
DE JESUS LIMA**

**CAETITÉ
2021**

ELEXANDRO RODRIGUES XAVIER

**LITERATURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA NA TRAJETÓRIA DE CAMILLO DE
JESUS LIMA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Letras: Língua
Portuguesa e Literaturas da Universidade
do Estado da Bahia – UNEB – Campus VI,
para obtenção do título de licenciado em
Letras.

Orientadora: Profa. Dr^a. Esmeralda
Guimarães

**CAETITÉ
2021**

ELEXANDRO RODRIGUES XAVIER

**LITERATURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA NA TRAJETÓRIA DE CAMILLO DE
JESUS LIMA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Letras: Língua
Portuguesa e Literaturas da Universidade
do Estado da Bahia – UNEB – Campus VI,
para obtenção do título de licenciado em
Letras.

Orientadora: Professora Dr^a. Esmeralda
Guimarães

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Esmeralda Guimarães Meira – UNEB
Orientadora

Prof. Me. Edmilson Sena – UNEB

Prof. Me. Rogério Soares – UNEB

CAETITÉ
2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

A large empty rectangular box with a thin black border, occupying the lower half of the page. It is positioned centrally below the text. This box is typically used in library cataloging to hold a barcode or other identification numbers.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pelo dom da vida e a minha família, meus pais Paula e Julindo, os meus dois irmãos Joice e Fernando por serem a base de toda minha formação como ser humano. Trilhar o caminho até a universidade não foi nada fácil, tudo jogava contra esse sonho, a falta de recursos financeiro e até aqueles que julgavam impossível para alguém da zona rural conseguir tal proeza. Mas aqui estamos provando que sim! é possível romper as barreiras quando nos esforçamos e temos um objetivo na vida. No entanto, crescer profissionalmente não é possível sozinho, a colaboração e parcerias são fundamentais, na UNEB, tive o apoio especial da equipe do NUPE, (Núcleo de pesquisa e extensão) coordenado pela professora Zélia, Fabrícia, Helber, Keila Top e Poliana, que sempre prontificaram em ajudar. Estendo também meus agradecimentos a secretária Delma ou melhor... Delminha, não posso me esquecer de Jeane do colegiado de Letras e de Dona Nena, que sempre nos socorreu com aquele cafezinho no intervalo. O meu muito obrigado!!

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho especialmente a minha mãe Paula, que sempre acreditou em mim, mesmo com pouca leitura, como ela costuma dizer, foi a primeira pessoa a mostrar-me as primeiras palavras escritas, tendo como caderno o chão seco do sertão e a caneta um graveto que estava próximo a pia de lenha. É... conseguimos véia! Quero dedicar também a minha irmã Joice que abriu o meu caminho para a universidade, pois não me assustei tanto, porque já tinha uma noção do que iria encontrar, de vez em quando sempre visitava as instalações. Agora! frequentar o espaço da UNEB como graduando foi outra história, de repente, em 2015, eu estava ali, com pessoas de diferentes culturas, professores que não eram da cidade de Caetité e lidar com as diversidades foi a primeira lição para o matuto. Quero registrar aqui o nome da Profa. Patrícia Pina, aquela que proporcionou o primeiro contato com a literatura e com o mundo, fez de mim não apenas um professor, mas também pesquisador desde o primeiro semestre. Quero dedicar esse trabalho a Profa. Esmeralda Meira que aceitou o desafio, Esmel tornou possível reunir o meu amor por literatura e a minha paixão pela história, por isso que nada é por acaso, Deus permitiu que em 2017 encarássemos o projeto de pesquisa do IC (Iniciação científica) do qual nasce este TCC. E claro, não pode faltar o professor Edmilson, ou melhor, Tio Ed, como é conhecido popularmente nos bastidores, aquele que me tirou da zona de conforto com o seu famoso questionamento “e daí?”. E também ao nosso professor Rogério, por nos trazer as várias faces da literatura, suas aulas passavam rápido, é incrível como ele promovia o diálogo com as produções literárias. Por fim, dedico aos meus amigos Edson, Vinicius, Ray, Anderson, Bárbara, Sheyla e Debora Castro, que sempre estiveram comigo nessa jornada.

Eu só faço literatura porque os homens da minha geração revelaram ao povo que a literatura é para ele. É dele. É cimento. Suor. Cacau. Café. Trabalho. Agonia. Bagaceira. Perseguição. Cadeia. Safra. Pobreza. Amor. Dor. Terra. Trabalho. Pão. Liberdade. (LIMA, 1944, p. 1-2)

RESUMO

Este trabalho é parte de um percurso realizado na trajetória de vida e da literatura do escritor baiano Camillo de Jesus Lima (1912-1975). O recorte que aqui investigou a relação entre literatura, sociedade e história nos poemas “O poeta escrevendo” e em “A um parnasiano” e na crônica “Este lugar me convém”. A importância dessa investigação se deve à grande participação que este escritor teve no panorama literário de seu tempo, com extensa produção literária e crítica. A problematização está na relação entre o ficcional e o histórico, se há diálogo/articulação entre esses campos de análise. Investigamos como o *corpus* da pesquisa se articula com o momento histórico em que o autor viveu e quais repercussões históricas podem ser destacadas nos textos escolhidos. Discute-se também a relevância da literatura como instrumento de pesquisa voltado para o conhecimento histórico e de como a história político-social está representada na produção literária de Camillo de Jesus Lima. Para subsidiar a compreensão dessas questões recorreremos aos autores Meira (2010; 2017), Cândido (2000), Chartier (1990) Eagleton (2011), Pesavento (2004), Ricouer (2007), entre outros que nos oferecem um vasto estudo da inter-relação entre literatura, sociedade e história.

Palavras-chave: Literatura. História. Trajetória de Camillo de Jesus Lima.

ABSTRACT

This work is part of a journey carried out in the life and literature trajectory of the bahian writer Camillo de Jesus Lima (1912-1975). The clipping that here investigated the connection between literature, society and history in the poems “The poet writing” and in “To a Parnassian” and in the chronicle “This place suits me”. The importance of this investigation it is due to the great participation that this writer had in the literary panorama of his time, with extensive literary and critical production. The problematization is in the relation between the fictional and historical, if there is dialogue/articulation between these areas of analysis. We investigate how the *corpus* of research is articulated with the historical moment in which the author lived and what historical repercussions can be highlighted in the chosen texts. We also discuss the relevance of the literature as a research tool focused on the historical knowledge and how political and social history is represented in the literary production of Camillo de Jesus Lima. To auxiliary understanding of these issues we resort to the authors Meira (2010; 2017), Cândido (2000), Chartier (1990) Eagleton (2011), Pesavento (2004), Ricouer (2007), among others that offer us a vast study of the interrelationship between literature, society and history.

Key-words: Literature. History. Trajectory at Camillo de Jesus Lima

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O HOMEM E O MUNDO	16
2. MARGENS ENTRE O POETA E A HISTÓRIA.....	29
3. UMA VOZ POÉTICA E POLÍTICA VIBRA NO SERTÃO BAIANO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45
DEPOIMENTOS:	46
ANEXO A.....	47
ANEXO B.....	48
ANEXO C.....	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir de uma pesquisa sobre Camillo de Jesus Lima, oferecida como proposta de um projeto de iniciação científica. A partir do contato com o arquivo do escritor, conhecemos um pouco mais sobre a sua escrita e a sua participação no contexto político literário, entre as fronteiras do sertão baiano e do mundo no século passado, utilizando como fonte de pesquisa alguns textos, em especial as crônicas, antologias publicadas com poemas de sua autoria e artigos resultantes de pesquisas realizadas sobre ele.

Investigamos o momento histórico em que o autor viveu, e qual a importância de sua obra para a sociedade de seu tempo e as gerações que o procederam.

Verificamos se os textos literários são motivados pelas experiências históricas, e em que medida eles as atualizam, para que assim possamos conhecer uma dinâmica, um tempo na história, através da linguagem literária.

A relevância desta pesquisa contribui com a exploração de textos literários que mantêm um vínculo social, e que ao mesmo tempo, promove o debate crítico de onde surge a obra.

Fizemos uma análise histórica dos textos de autoria de Camillo de Jesus Lima, por entendermos que as possibilidades de leituras desenvolvidas estão ligadas ao contexto histórico e político em que viveu, da mesma forma que as obras produzidas por ele também teve repercussão no contexto literário e político da época, contribuindo com a sociedade. Esta é uma pesquisa teórico-crítica, de natureza bibliográfica, leitura exploratória e interpretativa de textos teóricos acerca dos conceitos literatura, sociedade e história, para proceder a análise dos textos literários. Para fundamentar o diálogo da literatura e sociedade, recorreremos aos estudos de Candido (2000), Eagleton (2011), autores que promovem um diálogo crítico da literatura com o contexto histórico. A teoria e a crítica literária desse estudo tomam como base Chartier (1990), Darnton (1987), Pesavento (2004), entre outros, na perspectiva de buscar a relação história e literatura, a partir do tempo e lugar da escrita. E para localizar o momento político e econômico na história de (1930-1945) recorreremos aos estudos do historiador Boris Fausto (1995) além de seminários, entrevistas publicadas pela Tv Escola em 2002, e sites especializados na história do Brasil, em virtude do covid-19 as bibliotecas ficaram restritas.

Alinhamos o nosso referencial teórico aos trabalhos de Meira (2010; 2017), que nos permitiu um amplo conhecimento da trajetória literária e de vida de Camillo de Jesus Lima.

O recorte aqui, investiga a relação entre três campos: literatura, sociedade e história na produção poética, tomando para análise os poemas “O poeta escrevendo” e “A um parnasiano” e a crônica “Este lugar me convém”. Investigamos como o *corpus* da pesquisa se articula com o momento histórico do autor e qual a importância de sua obra para a sociedade de seu tempo e as gerações que o sucederam.

Partimos da seguinte questão: a literatura do escritor Camillo de Jesus Lima possui um caráter histórico-social? Quais elementos contidos em sua obra poderão comprovar a relação entre literatura, história e sociedade enquanto atividade política?

Discutimos a relevância da literatura como instrumento de pesquisa, voltado para o conhecimento histórico e de como a história contribui e influencia na produção literária de Camillo de Jesus Lima.

Analisamos a relação entre literatura, sociedade e história nas obras selecionadas do autor em pauta, para conhecer a dinâmica do espaço-tempo em que ele viveu.

Verificamos se os textos literários foram e são motivados pelas experiências históricas e em que medida eles as atualizam.

A pesquisa está estruturada nos capítulos: Homem e mundo; Margens entre o poeta e a história; Uma voz poética e política vibra no Sertão da Bahia. Começamos o primeiro capítulo apresentando Camillo de Jesus Lima, sujeito poético e político, traçamos o seu caminho pelas estradas do sertão baiano, suas origens poética e política, a conjuntura social que o inspirou contar a história política social do país e do mundo, através da arte literária, a sua literatura assume uma versão mais realista, em que o conteúdo não se perde em meio às subjetividades e a forma da palavra. No segundo capítulo analisamos como o momento vivido pelo poeta interfere na sua literatura, e, entender a literatura significa entender todo o seu processo histórico, no qual, texto e contexto sempre estarão ligados. Para a compreensão desse mundo entre o real e o ficcional fizemos um embate teórico na interpretação dos conceitos literatura, sociedade e a história no processo da escrita poética de Camillo de Jesus Lima, para entendermos como se dá essa relação nas obras do autor em pauta. Verificamos se os textos literários são motivados pelas experiências históricas e em que medida eles as atualizam para que assim possamos conhecer uma dinâmica, um

tempo na história, através da linguagem literária. No último capítulo, Uma voz vibra no Sertão da Bahia, fizemos a análise do *corpus*, composto pelos textos O poeta escrevendo, A um parnasiano, Este lugar me convém.

É por acreditar que a obra literária está intimamente envolvida com a totalidade histórica dos sujeitos em seu meio social, que vemos a necessidade de estudar esse fenômeno para melhor compreender como se dá o diálogo do real com a ficção no processo da escrita de Camillo de Jesus Lima.

E ao valorizar autores que estiveram à margem ou esquecidos pela crítica acadêmica, contribuiremos para o enriquecimento do literário baiano e brasileiro; suas obras subsidiam pesquisadores na investigação do contexto histórico brasileiro, considerando que a literatura é um agente, como as demais artes, na representatividade da dinâmica social.

O diálogo promovido entre literatura e sociedade é histórico, a linguagem literária é um instrumento poderosíssimo, que nos permite fazer uma viagem no tempo, proporcionando nos situarmos numa realidade da qual os nossos antepassados fizeram parte, construída através das ações sociais e políticas desenvolvidas por sujeitos e que até hoje refletem na atualidade.

O pensamento de Antônio Cândido (2000) expressa que o texto literário ganha sentido na sociedade em que ele é veiculado: “A literatura, [...] é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), mobiliza afinidades profundas e congregam os homens de um lugar e de um momento [...]” (CÂNDIDO, 2000, p. 139).

Nós acolhemos a literatura como fonte histórica de pesquisa, a qual ampliou os nossos conhecimentos; trata-se de uma arte que habilita o ser humano a interagir no meio de modo criativo e transformador; além de despertar sonhos, o imaginário e a curiosidade, ela também nos leva para outra dimensão, que ao mesmo tempo reflete o mundo real. Através da ficção o eu lírico se envolve com os problemas sociais, dá voz a um povo que se encontra esquecido, silenciado, subalternizado e deslocado para as margens da sociedade, O marginalizado, esse tipo de escritor sempre estará envolvido pela narrativa em uma relação simbiótica com as classes menos privilegiadas social e economicamente, e sua capacidade de escrita emerge das leituras que o autor faz do meio sociocultural.

Sendo a literatura um produto social e político, Camillo, através do seu olhar crítico, promove um diálogo entre os acontecimentos históricos e arte literária, o que é muito interessante na relação entre a literatura e a sociedade.

Através da ficção, o fato real ganha outra forma, predominando a verossimilhança, assim inserindo o leitor no contexto que o cerca, e ao mesmo tempo percebe-se que, em suas mãos, está um fruto de sua realidade. Este cruzamento entre a literatura e a realidade sociocultural é algo que influencia no senso crítico do leitor, que é motivado a questionar as reais circunstâncias que levam cada um de nós a viver o drama igual ou semelhante ao dos personagens.

Se nos livros nos deparamos com contextos parecidos ou semelhantes à experiência da vida, haveremos de entender que o panorama econômico, político, social e cultural de cada tempo em seu processo histórico, provoca o diálogo entre sociedade, literatura e a história. De tal modo, este trabalho visou uma leitura histórica da produção literária, de maneira especial, uma abordagem que não considera apenas o texto em si, mas o contexto no qual ele se encontra.

1. O HOMEM E O MUNDO

Camillo de Jesus Lima é natural de Caetité, Bahia, nascido em 08 de setembro de 1912, filho de Francisco Fagundes de Lima e de Esther Fagundes da Silva. O convívio com a literatura vem desde cedo, o próprio pai e o poeta tio-avô Plínio de Lima deram ao jovem poeta alicerces que motivaram a sua escrita poética. Camillo percorreu algumas cidades do interior da Bahia e do norte de Minas Gerais: Caculé, Condeúba, Tremedal, Monte Verde, São João do Paraíso, Encruzilhada, lugares em que os seus primeiros poemas começam a ganhar notoriedade. Em Condeúba (BA) Camillo de Jesus Lima publica no semanário *O Alvorecer* seu primeiro poema, aos 9 anos de idade.

Após percorrer estradas do sertão baiano, chega a cidade de Vitória da Conquista, localizada na região sudoeste do estado, Camillo foi transferido de Caetité para lecionar nesta cidade no Colégio do Padre Palmeira, a crise provocada pela seca de 1939/40 foi também uns dos motivos que contribuíram para a mudança de muitas famílias sertanejas para os grandes centros. O poeta viu um cenário maior para trabalhar com sua inspiração literária, Conquista oferecia-lhe um pano de fundo mais amplo, cidade que carregava ares de uma metrópole, onde os problemas sociais se evidenciavam com mais intensidade entre as classes sociais.

A cidade, historicamente, tem em seu DNA político a marca do mandonismo local, uma prática muito comum nas pequenas cidades do interior nordestino. A sua formação se deve as empreitadas dos bandeirantes, que, com a força bruta abriu caminhos na busca por metais preciosos, conquistando territórios e dizimando povos indígenas; mas o cenário econômico que favoreceu mesmo foi a formação de pastagens na região, o que contribuiu no desenvolvimento pecuário do sudoeste baiano. Os exploradores construíram e formaram uma linhagem política, a qual vem centrada desde os tempos da colonização nos mecanismos de controle social, a fim de se manter agentes, quer seja em poderes públicos ou privados.

O latifúndio no grande sertão baiano foi uma das primeiras bases de sustentação de poder, em que, o coronelismo se tornou uma das formas de governar, verdadeiros donos das instituições representativas. Tais conjunturas ainda permanecem sobrevivendo nos bastidores da política; grandes proprietários, industriais aliados à elite latifundiária que ao longo da história dominaram o cenário

político-social, como senhores da terra e do povo. O jornal *O Fifó*, explana bem essa conjuntura social.

Sem terra e sem trabalho numa região em que o ‘exército de mão de obra é amplo’, o emprego é um dom divino e a agregação um favor, impõe a fidelidade. O monopólio da terra, a disparidade entre os homens disponíveis ao trabalho, fazem com que o fazendeiro seja o dono da vida e imponha seu domínio a legião dos pobres do campo. (Jornal *O Fifó*, 1977, *apud* MIRANDA; ALVES, 1999, p. 136)

Imaginava-se que, a “Revolução de 1930” romperia com a velha política coronelística, mas em se tratando de Vitória da Conquista e região, as práticas coronelísticas continuaram sem alterações significativas, vivia-se a forte dependência da figura do coronel, aquele que vende e compra, o senhor de uma mão de obra, muitas vezes, em situação de miséria, ignorância e analfabetismo, fatores que facilitam a manutenção do poder. Em 21 de junho de 1947, Camillo de Jesus Lima publica o texto “O analfabetismo é filho da miséria”, traçando uma linha histórica que justifica as condições sociopolíticas que condenaram o povo a viver sob a égide da política fundiária.

O grande autor que torna tão vultoso o coeficiente de analfabetos que nos envergonha é a miséria a que nos condenaram condições econômicas precárias que não poderão ser solucionadas enquanto as classes que com elas se beneficiam puderem mantê-las e conservá-las – essa miséria que vem da colonização defeituosa que tivemos – latifundiária e escravagista. (LIMA, 1947 d, p. 1 *apud* MEIRA, 2017, p. 143).

Sendo o Brasil um país transcontinental, a questão geográfica, a falta de estradas e comunicação aumentavam as distâncias e contribuía com o isolamento político e social, dificultando o acesso às informações dos grandes centros, o que favorecia as ações dos governantes no controle da política e da economia nas pequenas cidades.

Por toda a região do sertão baiano não seria diferente. Em depoimento a Meira (2017) Dona Dazinha, prima de Camillo de Jesus Lima, fala dessa conjuntura política nas pequenas cidades do sertão baiano. A sua declaração nos mostra o perfil político social da época, que contribuiu na migração de famílias pelo sertão afora, a fim de buscar melhores condições de vida, já que as práticas econômicas e políticas estavam

concentradas nas mãos dos grandes proprietários; elite que dominava os pequenos colonos pela via da política e da economia.

A política de Caetité toda vida foi uma política imunda, uma política de guerra, de discutir sobre família, essas coisas que tinha e que agora não tem mais, pelo menos do jeito que era. Hoje tem quem sabe escrever, quem sabe fazer por debaixo dos panos, mas não tem aquela coisa de ir para a praça atingir o próximo. Tanto assim, que tio Chico saiu daqui, justamente por isso. Ele saiu de vez. Quando ele foi embora com minha tia Esther, irmã de minha mãe, tomou a condução para ir para Conquista, lá pela ladeira afora, nem aqui na cidade ele veio¹.

A “Revolução de 1930” não estruturou uma política baseada nos preceitos democráticos. Conforme os estudos do historiador Boris Fausto (1995) e seminários apresentados e publicados em anais, o professor nos traz uma abordagem dos fatos da história política e da economia brasileira de 1930 a 1945, eventos que repercutiram nas esferas nacional e regional, período conhecido como a Era Vargas. Segundo Fausto (2002) o governo que se dizia provisório vai de 1930 a 1937, esta data marca o início do Estado Novo, que fez da política um sistema mais rígido e autoritário até 1945. O nosso país passou a ser governado por interventores nomeados pelo presidente, o Estado Novo, na verdade se contradizia, visto que as velhas práticas da política se confirmaram mais uma vez.

É evidente que o discurso de Vargas agradava às massas, no entanto, as suas ações antidemocráticas privaram, por 15 anos, a sociedade da liberdade política. Camillo, em crônica no jornal *O Combate*, faz referência a esse momento, quando menciona a ingenuidade política dos seus amigos Laudionor Brasil e Bruno Bacelar ante os rumos que tomaram a Revolução de 1930.

¹ Depoimento (audiovisual) de Agda Vilasboas Bonfim (D. Dazinha), no dia 27 de agosto de 2015, à pesquisadora Esmeralda Guimarães Meira

Por essa época - agosto de 1929 - dois jovens idealistas em Conquista, com a ingenuidade adorável dos românticos e dos entusiastas, acreditaram ser aquela a hora de salvação do Brasil. [...]. Se eles odiavam e repeliam, com justa indignação dos bem intencionados, a posição antidemocrática e antipopular do governo Washington Luiz, não compreendiam o caráter reacionário da Aliança Liberal. [...] Assim Laudionor A. Brasil e Bruno Bacelar de Oliveira de namorados transformaram-se em apaixonados da Aliança [...] (LIMA, 1949b, *apud* SOUZA; BORBOREMA, 2001, p. 228)

A década de 30 foi marcada por um contexto político conturbado, em que o nosso país rompe com as estruturas democráticas, Vargas se perpetua no poder, fecha o congresso, nomeia interventores nos estados, e governa a nação brasileira até 1945 com poderes absolutos. Cenário político que reflete nas cidades do interior brasileiro, o governo de Getúlio só começa a enfraquecer no ano de 1945, uns dos fatores que contribuíram com sua queda acontece no desfecho da segunda guerra, quando Getúlio envia tropas brasileiras para lutarem justamente contra ditadores, havia aí uma contradição política. Ora, o Brasil vivia sob uma ditadura, o porquê lutar contra fascistas se em casa vive-se ares ditatoriais? Em 2 de setembro de 1945, a aliança liderada pelos países Reino Unido, Estados Unidos, França e União Soviética derruba o sistema político fascista, o sonho de Hitler morre com ele, o desejo de liberdade política contaminou os continentes e reacendeu a esperança de um sistema político democrático.

No texto seguinte, Camillo demonstra a sua satisfação e evidencia o importante papel das classes marginalizadas na luta pela paz e liberdade. E questiona a posição das elites burguesas.

Farra, farra, numa farra. Felicidade. Tudo em paz. Hitler preso. Mussolini, à meia-noite, nas casas mal-assombradas, fazendo visagens. [...] E todos nós, amigos meus – russos, tchecos, americanos, brasileiros, ingleses, gregos, chineses, pretos, brancos, curibocas, pardos, 'mestiços corruptos', operários, camponeses (gente, cadê os burgueses? Cadê os capitalistas?), todos nós vivendo a vida, fazendo de novo a vida, nas mais belas das conquistas: – a do Direito, da Igualdade, a do Trabalho, a do Pão. Não só nos campos da Flandres: nos campos da terra toda hão de brotar as sementes da Liberdade e da Paz! (LIMA, 1944b, p. 1 *apud*, MEIRA, 2017, p. 137).

A vitória contra regimes ditadores inspirou nações pelo mundo, no Brasil um mês após o fim da segunda guerra mundial, no dia 29 de outubro de 1945, os mesmos militares que conduziram Vargas ao poder conspiram com o término de seu governo.

Assim o Brasil opta pela democracia, a melhor alternativa para atender os processos administrativo e representativo.

O ano de 1945 marca a volta da liberdade política, o Partido Comunista Brasileiro teve grandes nomes da arte literária afiliados, o partido se posicionava fortemente contrário às políticas absolutistas, assim, o PCB passou a ser o refúgio ideológico para as classes que almejavam um sistema político mais voltado para o caráter social das massas. Encontramos destacados nomes como de Jorge Amado, Graciliano Ramos, referências de literatura e inspiração para Camillo de Jesus Lima. Meira (2017) transcreve uma declaração dada ao jornal *O Momento*, em que Camillo reafirma a sua preferência política:

Apesar de somente agora filiar-me ao partido de Prestes, há bastante tempo, entretanto, venho me considerando um humilde escritor comunista, porque comunista foi a minha formação intelectual e pobremente camponesa a minha infância de menino que nasceu num latifúndio, em terra de agregado. (LIMA, 1945b, s/p, *apud*, MEIRA, 2017, p. 41).

Camillo recebe das mãos de Luiz Carlos Prestes, o *cartão* de afiliado, como também outros artistas, mas para ele, podemos dizer que tenha um valor muito significativo e especial, visto que, a figura de Prestes representava um herói político, simbolizava a esperança de um país que desejava libertar-se das oligarquias, classe esta que fazia da política um instrumento para manter-se no poder administrativo e representativo, com fins de atender e garantir a manutenção dos recursos políticos e econômicos em benefício da velha política do “Café com Leite”, a qual não apresentava ou executava propostas, projetos, políticas públicas que correspondesse às expectativas das massas.

Na história política do Brasil Prestes liderou a Coluna Invicta, movimento que percorreu as estradas brasileiras entre 1924 e 1927, o levante começa no Rio Grande do Sul seguindo para Santa Catarina, atravessou os estados do nordeste, Maranhão, Piauí, Teresina, Rio Grande do Norte, Pernambuco e na região sudoeste da Bahia, na cidade de Caculé, local em que Camillo de Jesus Lima teve o primeiro contato com Prestes, resultando em uma admiração de um adolescente de 12 anos ainda imaturo, mas a semente do seu senso crítico e revolucionário sempre foi irrigado pelo seu pai Francisco Fagundes Lima. Os ideais comunistas vinham de berço, o que confirma a idolatria do poeta pelo capitão, mesmo na flor da idade dos seus 15 anos.

Nunca ninguém exerceu tanta influência em minha vida como Luiz Carlos Prestes. Aquela figura apostólica do homem pálido, longa barba negra e fala suave, afagando minha cabeça, enquanto, lá fora, os homens da Coluna fervilhavam na praça de terra vermelha, nunca mais saiu da minha lembrança através dos anos. Era na vila de Caculé, e eu era, nesse tempo, um menino pálido e acanhado de catorze anos. Quando começaram a vir à tona os meus pendores literários, lembro-me bem que, inspirado por uma reportagem de O Jornal junto aos exilados brasileiros que trabalhavam na Bolívia ainda sob o comando do bravo revolucionário, escrevi um longo poema, inçado das falhas indispensáveis aos poetas de quinze anos, em que descrevi a figura suave e simpática do General Prestes (LIMA, 1945a, *apud* SOUZA; BORBOREMA, 2001, p. 227).

A Coluna Prestes estava ligada ao movimento Tenentista, grupo político militar insatisfeito com a política das oligarquias, e suas reivindicações apresentavam um caráter voltado para o social, como: ensino gratuito para toda população, o voto secreto, formação de partidos nacionais, liberdade dos meios de comunicação, políticas públicas para sanar a miséria social. E isso chegou a ameaçar os interesses das elites no poder. No governo oligárquico havia a manutenção da política para atender aos interesses econômicos das elites cafeeira e leiteira, enquanto que, os anseios das massas permaneciam no segundo plano, conforme alerta a historiadora Isnara Pereira Ivo (1999). A pesquisadora explana como uma classe se apodera da política a fim de fazer do sistema representativo parte de um jogo de dominação, para atender às exigências econômicas das elites, e que, ao mesmo tempo despreza as condições de vida daqueles que movimentam as engrenagens do sistema capitalista.

No Brasil, as estâncias do poder público, em vez de promoverem a cidadania e o exercício das liberdades políticas, transformaram-se num aglomerado burocrático, apropriado pela elite proprietária, encarregada de reproduzir um Imaginário político com alicerces bastantes definidos: dominação e subordinação foram esses os elementos que formaram e fundamentaram as estruturas administrativas e políticas das instituições públicas [...] (IVO, 1999, p. 56)

Camilo de Jesus Lima, o poeta comunista, como se autodenominava, fez da sua escrita um mecanismo de esclarecimento para as massas, transcreve a verdade social da rotina daqueles que têm a sua mão de obra explorada, em benefício de uma minoria bem afortunada de privilégios. Em crônica publicada em 1947, no jornal *O Combate*, o escritor traz os fatos que forçaram o país escravagista a libertar das

correntes os escravos, Camillo, em sua literatura, procura elucidar as ações históricas, que resultaram na realidade, até então distorcida, nos anais da literatura e da história.

Interpretada à luz de fatos concretos, a abolição da escravatura foi movida por forças de natureza puramente econômica. Naquela época os latifundiários senhores de escravos dominavam economicamente (e, por isso mesmo, politicamente) o Brasil; a industrialização existente era deficiente, quase nula, incapaz de dar causa ao aparecimento da burguesia e proletariado industriais, que pudessem exercer na vida brasileira qualquer influência política.[...] Entre as demais potências, a Inglaterra compreendeu primeiro que só a libertação dos escravos daria ao Brasil novos consumidores, transformando-o, assim, no mercado de que necessitava. Quando os escravos libertos passassem à categoria de assalariados, adquiririam poder aquisitivo advindo dos salários que lhes seriam pagos: era preciso, pois, que os homens saíssem da escravidão e se tornassem proletários. (LIMA, 1947 c, p. 2 *apud*, MEIRA, 2017, p. 141-142).

A libertação dos escravos, pintada na história pelas elites, traz a princesa Isabel como aquela que num ato de bondade, tira as correntes do sistema escravagista brasileiro. Camillo de Jesus Lima prefere nos apresentar um texto de teor esclarecedor, o escritor aprimora a leitura histórica, assume a responsabilidade de informar, transcrever os reais motivos que forçaram a realeza proclamar a liberdade, motivos estes, que muitas vezes ficam implícitos na visão romântica da literatura dominante. As narrativas romantizadas camuflam a essência do processo histórico, desfigura o contexto e apresenta uma versão indiferente com a realidade do conteúdo. Fato que compromete o conhecimento e confunde a história e a sociedade, portanto, reconstruir os fatos a partir de uma narrativa factual, nos ajuda a compreender melhor a afirmativa dos eventos na relação social. Segundo Oliveira e Rodrigues (2017):

[...] um dos maiores questionamentos sobre a produção dos historiadores seria compreender até que ponto aquilo que é escrito corresponde ao que efetivamente aconteceu ou se seria reflexo da produção imaginativa e criativa dos seus autores, numa produção variada, complexa e, por vezes, dispersa. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2017, p. 91-92)

Por isso vemos a importância de uma leitura crítica dos acontecimentos, e que, precisamos questionar os eventos com leituras transversais do dito. Quando expandimos nossas leituras, esta ação nos orienta, o leitor passa a entender, por exemplo, que não foi por acaso a chegada, ou melhor, a “fuga” da Família Real para

o Brasil, o fim da escravidão, as empreitadas dos Bandeirantes condecorados “desbravadores” das terras selvagens.

Na história, a mão de obra sempre foi condicionada a um espírito crítico limitado e isolado diante de um processo que visa o “lucro”. O sistema silencia, sufoca a consciência frente ao mundo real – resume a realidade dos sujeitos em movimentos cronometrados. Ao reduzir suas atividades críticas, ele passa a servir ao capitalismo, que fraciona as forças de trabalho, num ambiente em que os homens e máquinas se misturam, transformando-os em sujeitos que desconhecem os procedimentos que levam ao resultado do produto final. A burguesia não trabalha com a possibilidade de elevação social da mão de obra, pois culturalmente, a hierarquia econômica deixa de oferecer reconhecimento, valores significativos pelo trabalho desenvolvido nas fábricas, na agricultura, nos meios de produção em geral.

É contra esse sistema de produção e dominação, que Camillo de Jesus Lima fez de sua poesia um protesto, contrário a doutrina capitalista que não concede as chances das classes mais pobres de melhorar a sua qualidade de vida. A distribuição de renda na regência capitalista dá ao trabalhador somente o mínimo para a sua sobrevivência, mas não o bastante para sua ascensão social.

Em carta enviada ao amigo Erathóstenes Menezes, o poeta fala da realidade, questiona os valores verdadeiros dos lucros, os quais são imperceptíveis por aqueles que fazem o trabalho árduo nas linhas de montagem.

É preciso investigar o processo histórico-econômico de onde brotaram as classes e seus conflitos. A máscara do capitalismo – para ódio dos economistas burgueses, foi arrancada por Marx, com a descoberta do lucro, o trabalho não pago, isto é, o trabalho suplementar com que o operário cria a riqueza para o patrão, recebendo dele, apenas, nas horas do trabalho necessário, o que é estritamente indispensável à manutenção da força de trabalho que ele venderá, no outro dia, nas mesmas horas de trabalho diário ao capitalista. (Carta de Camillo de Jesus Lima a Erathóstenes Menezes, Macarani, 20.2.1948, *apud*, MEIRA, 2017, p. 159)

Camillo sempre foi um entusiasta da causa operária, as leituras de Max fundamentaram e ajudaram-lhe a confirmar suas observações perante as desigualdades sociais entre trabalhadores e patrões, dentro do sistema capitalista burguês, cenário este, bem ilustrado por Meira (2010, p. 37) “povo que vive sob a égide de uma sociedade hegemônica que tudo tem e nada divide”.

Esse olhar crítico marxista da realidade contribuiu no amadurecimento da obra camilliana; a cidade de Vitória da Conquista lhe provocou um turbilhão de emoções, emoções estas que vinham do real, da luta diária pela sobrevivência dos menos afortunados. Um cenário local, mas que também repercutia na esfera nacional e global. Em entrevista, Camillo declara que esta cidade foi palco onde o jovem provinciano viu sua poética ganhar contornos mais sociais.

[...]. Na cidade de Conquista, [...] a tragédia humana me ensangüentou a sensibilidade, comecei a compreender que a minha arte devia ter outra finalidade. Devia esquecer o mundo das emoções subjetivas e ter uma função social. (LIMA *apud* LEITE, 1945, sn).

A cidade de Vitória de Conquista representou para Camillo de Jesus Lima o espaço onde marca a transição da lírica romântica para uma poética envolvida com as causas sociais, o que condicionou ao poeta, uma espécie de maturidade de escrita, em que o escritor sai da zona de conforto do belo, do apaixonado e passa a se comprometer com a verdade histórica. A atitude de Camillo de Jesus Lima em abandonar a forma da palavra, revela o desejo de lidar com as tragédias humanas em seu estado mais puro, assim, a sua subjetividade passa a carregar um caráter que evidencia as emoções e angústias oriundas das relações sociais.

A literatura russa, emaranhada com as suas referências brasileiras, deram a Camillo um olhar mais aprimorado da vida enquanto cidadão do mundo, e o fizeram compreender que a escrita puramente romântica não traduzia as experiências da vida nos eventos da história.

Veio Rousseau. Vieram Freud e o doce Renan. Dostoiévski, epilético sofria na casa dos Mortos. Os famintos e os revolucionários de Gorki chegavam uivando como lobos. As correntes dos forçados de Tolstoi vinham rebrilhando ao sol. Os grevistas de Dias da Costa e de Jorge Amado caíam, morrendo de fome e ódio. [...] O Deão de Canterbury contou a história de um mundo que ele descobriu. E Marusia Chubikova, nas ruas de Stalingrad, encheu, pela última vez, os olhos moribundo com a luz da liberdade. [...] Foi essa cambada que me fez passar a tesoura na cabeleira romântica (LIMA, 1943 a, sn. *apud* MEIRA, 2017, p. 92)

Quando o poeta nos diz “Foi essa cambada que me fez passar a tesoura na cabeleira romântica” trata-se de uma espécie de passagem que conduziu o jovem poeta sonhador e perfeccionista da palavra, para a condição de um sujeito que

ultrapassa o seu olhar crítico literário para além da existência de si e dos que lhe cercam na estrutura social.

Em trabalho publicado na revista *Kalíope*, intitulado, *Memória da crítica – Camillo de Jesus Lima pelos pares*, Meira e Almeida (2016) trazem um estudo da fortuna crítica do poeta, e entre os críticos da recepção citam João Eurico Matta², o qual classifica a produção do poeta em poesia primeira (da adolescência) e poesia segunda (da maturidade). Essa transição também poderia estar fundamentada nos aspectos políticos esquerdistas nas produções do poeta como um todo.

Desde 1945, Camillo de Jesus Lima já demonstrava ter consciência de sua mudança na escrita, a atualização literária veio com os rumos da política nacional e do mundo, transformando, moldando a arte conforme a realidade do homem. No fragmento do poema “Poeta novo” Camillo desvia o seu olhar literário do céu e dos encantos da mulher amada para a terra, onde se depara com o povo que sofre agressões diárias na luta pela sobrevivência no sistema social vigente. Sua poesia agora vai ao encontro da realidade política social, em que a escrita passa a se comprometer com os elementos da luta de classes.

Poeta novo, da raça nova, da raça que sofre, da raça que chora.
Tira os teus olhos extasiados
Do céu que de estrelas doiradas enflora;
Das flores que nascem;
Dos rios que descem chorando
Deixa, por um momento, a mulher que inspira o amor que te encanta
e magoa
Poeta novo, da raça nova, põe teus olhos no sofrimento universal
(Fragmento de “Poeta novo”, LIMA, 1945. np, *apud*, MEIRA;
ALMEIDA, 2016, p. 45).

A nova versão do poeta, agora, explora a temática que emerge da dinâmica das ruas, becos, vielas e da marcha diária da classe trabalhadora, pois vive-se numa sociedade sujeita a agressões sejam elas físicas, psicológicas ou econômicas, as quais deixam marcas profundas no desenvolvimento dos sujeitos.

² João Eurico Matta é membro da Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira 16, autor de vários livros, ensaios e prefácios, a exemplo de *Filosofia e Divórcio* (1953); *Os intelectuais soviéticos e a luta ideológica em Física* (1958); *Revisitando o Homo Ludens* (1998).

A escrita surgida da dinâmica social em que escritor vive está ligada aos entraves diários, provenientes do espaço sociocultural, se trata de uma reconstrução, que se opera a partir das ações que o mesmo desenvolve em sua comunidade cotidianamente, em contato com o conhecimento de si e dos outros.

No trajeto pelo sertão baiano, Camillo de Jesus Lima fez do seu cotidiano uma inspiração poética, uma escrita pautada nas evidências sociais que tanto o incomodou. O escritor percorreu as estradas da Bahia e do norte de Minas Gerais, territórios marcados pelas intempéries da seca como também das dificuldades políticas e econômicas que, historicamente, geraram o disparate entre as classes sociais.

Meira (2010), traz um roteiro das atividades desenvolvidas pelo o escritor, na cidade de Vitória da Conquista. Em 1940, Camillo inicia seus trabalhos como redator-chefe do jornal *O Combate*, criado em 1929 sob a direção de Laudionor Brasil, onde Camillo teve a oportunidade de se expressar através da arte literária com vasta publicação de artigos, crônicas, poemas, traduções de obras da literatura, e também atuando como crítico de rodapé. Na época, o jornal assumia um papel de destaque na leitura cotidiana, por ser um meio de fácil acesso e preço mais acessível pela população, comparado aos volumes literários. Assim, o poeta fez da comunicação de massa, um recurso estratégico para publicar suas produções literárias, tendo em seu teor uma mescla com as complexidades do meio social que provocavam a sensibilidade artística de Camillo de Jesus Lima. Neste ambiente jornalístico, a vocação poética sempre esteve atrelada com os fatos sociais.

Mesmo não tendo frequentado nenhuma universidade, (ou por isso mesmo) mostrou-se ser um cientista das letras, amante da literatura, um escritor poético e político, que passou por uma formação crítica, imbricada à conjuntura social e da relação literatura e sociedade; fator que confere a Camillo de Jesus Lima uma formação autodidata, sujeito que fez do diálogo crítico literário uma *práxis* social.

Camillo era um homem já predestinado ao literário. É aquele que conseguiu reunir suas experiências com a literatura, trazendo os aspectos políticos e socioculturais, produzindo obras num constante movimento entre o vivido, o lido e o concebido. O poeta se dispôs a transformar o seu cotidiano e a vida dos que lhe cercavam em materialidade poética, uma forma de crítica social.

Camillo de Jesus Lima, com sua arte, transitava nos percalços da vida, e isso, se por um lado agradava seus leitores, por outro incomodava o sistema. A ditadura de

1964 viu no poeta baiano um inimigo em potencial, era notório que suas produções carregavam um teor de crítica política, fato que o colocou na lista dos prisioneiros entre tantos outros artistas que produziam obras de caráter político e social.

O fator econômico serviu de bode expiatório para que o Brasil rompesse com a liberdade política. Segundo Aguiar (1999) O país passava por uma onda de greves que pararam fábricas, e a reafirmação do Supremo Tribunal do Decreto Lei Nº 9070, que tornavam ilegais os movimentos grevistas, agravou ainda mais a crise política. O comprometimento do então presidente João Goulart com o discurso esquerdista dos grupos trabalhistas serviu de sinal para os golpistas, que já vinham, há algum tempo, nos bastidores da política, preparando a tomada do poder.

A democracia não ofereceu resistência as miras dos canhões e metralhadoras, a história política viu mais uma vez o surgimento de um governo ditador. O ano de 1964 calou a voz poética e de toda classe artística. A nação brasileira passou a ser controlada por mecanismos ditatoriais, nada era escrito ou dito sem o crivo do governo militar. Cada cidadão passou a ser visto como uma possível ameaça ao regime político. O presidente João Goulart foi obrigado a deixar o país, deputados, governadores e prefeitos tiveram seus mandatos cassados, líderes estudantis e sindicais foram presos, como também artistas que se posicionavam contrários as medidas autoritárias.

A mira dos militares também alcançou as cidades interioranas, a exemplo Vitória da Conquista, o prefeito José Pedral Sampaio, administrou a cidade por apenas 13 meses. No dia 5 de maio seu mandato foi cassado, tendo seus direitos políticos suspensos. Após seis dias desse fato, Camillo de Jesus Lima é preso, como nos relata Aguiar (1999):

Com relação aos que caíram prisioneiros em maio daquele ano, as aflições continuavam. Entre os detidos estava o poeta e redator responsável de *O Jornal*, Camillo de Jesus Lima. O historiador Aníbal Lopes Viana nos informa que Camilo fora trazido de Macarani – local onde exercia a função de Oficial de Registro de Imóveis e Hipotecas – para Vitória da Conquista, sob escolta policial [...] (AGUIAR, 1999, p. 194)

Camillo foi preso no dia 11 de maio, levado para Salvador onde ficou detido por três meses, a sua liberdade se deve à falta de provas que o incriminassem.

Provavelmente grande parte de sua produção tenha sido destruída ou mantida em segredo por motivos de segurança.

Os chamados anos de chumbo limitaram reprodução de obras literárias ou de qualquer manifestação artística, que mencionasse críticas ao momento político que a sociedade brasileira estava passando. A história seria então reescrita num padrão único, seja na instituição das famílias, nas escolas e nos meios de comunicação em geral. Condenar o cidadão ao esquecimento se tornou um meio de ocultar suas atividades. Em Vitória da Conquista, por exemplo, o novo regime autoritário procurou obscurecer o passado e a imagem política e crítica de Laudionor Brasil, fundador do jornal *O Combate*. Segundo Souza e Magalhães (2013)

A Ditadura Civil-Militar de 1964 elegeu os seus próprios heróis, e buscou eliminar quaisquer imagens que considerassem ameaça ao seu governo, assim dentre outras coisas, desapareceu com o busto de Laudionor Brasil, fechou o Jornal *O Combate* e tentou relegar ao esquecimento a atuação de algumas pessoas na cidade, que eram politicamente ativas, e que ocupavam uma posição de destaque social, como foi o caso dele. (SOUSA; MAGALHÃES, 2013, p. 89)

O novo sistema político procurou eliminar qualquer resquício da memória intelectual, artística ou discursos que pudessem oferecer ou sugerir resistência. Os intelectuais foram trancafiados ou expulsos do Brasil, qualquer manifestação contrária à nova ordem poderia colocar em risco seu emissor, o país viveu um silêncio profundo por 20 anos, e aqueles que tentaram fazer algum barulho, entraram para as estatísticas dos desaparecidos.

2. MARGENS ENTRE O POETA E A HISTÓRIA

Nasci para os meios agitados, intensos, febris. Para os ambientes sulcados das emoções fortes, das grandes paixões humanas. [...] Eu e o mundo temos um sério encontro de contas a fazer [...]. (LIMA *apud* LEITE, 1945, p. 2).

Desde os primórdios o ser humano sempre procurou maneiras de expressar os seus sentimentos, através das artes rupestres, símbolos, utensílios, edificações, escritos, poemas, entre outros. Dessa forma, é possível ter uma noção do cotidiano na formação das sociedades humanas, os indivíduos sempre criaram meios para deixar seu rastro no espaço-tempo, o que nos proporciona termos o conhecimento das experiências históricas vividas pelos nossos antepassados.

Ao vivenciarmos a modernidade, nos deparamos com sujeitos que, através da sua criatividade, traz para as artes o seu momento, fato que contribui para o conhecimento das estruturas político-sociais da sua época e do nosso presente. Assim, neste constante diálogo entre as representações do drama humano no tempo, havemos de compreender as dinâmicas que forjaram cada momento lírico.

A literatura, mesmo com as especificidades que lhe são próprias, também se soma às demais expressões artísticas do meio, como pinturas, edificações e monumentos. No que concerne às relações entre as artes e suas representações da realidade, Candido propõe que a literatura seja um sistema vivo de obras, “agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (CANDIDO, 2000, p. 83).

O enredo literário não se limita apenas na projeção histórica de um lugar, ele também nos dá a visão da conjuntura do presente, e, ao mesmo tempo, nos orienta na construção das bases sociais que projetará o nosso futuro. A historiadora Sandra Pesavento aponta para a seguinte perspectiva na relação entre história e literatura: “[...] o historiador deve tomar a literatura a partir do tempo de sua escrita, do autor e da época em que foi produzida, tanto se o texto falar de sua época, de uma passada ou futura”. (PESAVENTO, 2004, p. 83).

As características da produção artística literária é um espelhamento do momento vivido pelo autor e a comunidade, os quais, sempre irão manter um vínculo com as circunstâncias políticas e sociais do período. Segundo Antônio Candido

(2000), “A produção da obra literária [...] se manifesta de maneira diversa conforme o momento histórico. ” (CANDIDO, 2000, p. 84).

A literatura camilliana configura-se como umas das representações do contexto social e da conjuntura da sua época, trata-se de um material tecido de uma experiência histórica adquirida do real, deste modo o escritor, com sua genialidade consegue vencer o tempo, através de um enredo que traz o momento por ele vivido, momento este, que solidifica em sua literatura.

Ao lermos as obras de Camillo de Jesus Lima, elas nos permitem fazer uma viagem ao século passado, as quais, além de trazer uma nítida crítica social, evidencia uma descrição minuciosa do espaço político e sociocultural nas terras do sertão baiano, nos situando numa dinâmica histórica, sendo sua literatura um agente de crítica social.

O olhar literário de Camillo de Jesus Lima sobre o contexto histórico em que vivia nos traz belas obras, as quais apresentam uma forte inter-relação com o espaço vivido-concebido por ele. Camillo demonstra em sua literatura, o dia a dia da mão de obra ou força de trabalho daqueles que produzem e colhem as riquezas, as quais, historicamente estão sob o poder da classe senhorial brasileira. A literatura camilliana versa enredos em que as massas se encontram dentro da trama, e ao mesmo tempo, direta e indiretamente, sua obra acaba sendo um veículo de protesto, promovendo um encontro entre autor e leitores, em que se colocam em um debate as reais circunstâncias sociais que geram a obra.

Acreditamos que a sensibilidade que move a escrita de Camillo de Jesus Lima surge em concomitância com o panorama social em que ele se encontrava, e, sem dúvidas, o cenário social foi uma grande fonte de inspiração, em virtude de que o escritor e a sociedade sempre irão se completar na obra literária.

Mesmo o escritor tendo um amplo repertório de leituras, ele nem sempre poderá dar conta de produzir um produto que represente o seu espaço-tempo em sua totalidade, apoiando-se apenas nessa tarefa, sem antes contrapô-la à realidade. O significado da produção só irá agregar algum valor quando entendermos os processos sociais que estruturaram o texto literário. Segundo Eagleton (2011)

Entender a literatura significa, então, entender todo o processo social do qual ela faz parte [...]. As obras literárias não são misteriosamente inspiradas, nem explicáveis simplesmente em termos de psicologia dos autores. Elas são formas de percepção, formas específicas de se ver o mundo; e como tais, elas devem ter uma relação com a maneira dominante de ver o mundo, a 'mentalidade social' ou ideológica de uma época. (EAGLETON, 2011, p 19).

A literatura não seria possível sem o protagonismo do social e as relações entre o escritor, a história e a sociedade são fatores determinantes para a sua criação. A literatura não surge do acaso, sua subjetividade está imbricada com o processo histórico em que foi produzida, representando por meio de expressões estéticas a vida, em suas múltiplas possibilidades contextuais.

Sendo a literatura um produto das leituras que o escritor faz da sociedade, naturalmente passa-se a comprometer com as angústias e os problemas sociais, os quais acabam interferindo em sua produção literária. Quando o escritor submete sua criação à totalidade, a sua responsabilidade com o meio aumenta, tendo em vista, que ele estará sendo mais um instrumento que se soma na propagação de pensamentos, podendo ir ou não ao encontro do projeto idealizado pelas classes dominantes.

Os intelectuais e críticos literários exercem grande importância na sociedade, eles são personagens que disseminam a visão de mundo, que fazem dos seus estudos e produções um instrumento de convencimento com arranjos ideológicos e projetos políticos na estrutura social. Não compreender isso se corre o risco de ficar inerte diante as relações de conflitos sociais retratadas na obra literária. Tudo dependerá de como a realidade é recepcionada pelos potenciais leitores. Oliveira e Rodrigues (2017) falam da importância que a escrita exerce no local que ocupamos, e de como as nossas reflexões interferem na realidade social que pertencemos.

[] O que escrevemos e a forma como escrevemos possui relevância tanto no sentido daquilo que retratamos quanto pelo local que ocupamos no ato de escrever, a quem direcionamos nossas considerações e os usos (e abusos) que nossas reflexões podem sofrer pela apropriação de determinados grupos sociais (alguns dos quais estamos inseridos). (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2017, p. 95)

A partir do momento em que o escritor promove um diálogo entre sua produção e a comunidade, os leitores passam a ser responsáveis por manter o constante debate das ideias e questionamentos que estruturam o período vivido por eles e o escritor. E

isso, acaba sendo o combustível que irá fazer com que a literatura viva, se movimente através do tempo na sociedade.

Ao promovermos a inter-relação texto/contexto, esta ação nos permite adentrar na história, a qual se propaga nas palavras escritas, nas imagens, em todas as formas de documentos, sendo, portanto, o autor uma testemunha de seu tempo. O testemunho se materializa nas representatividades sociais, sendo a literatura também um documento da história. Para Chartier,

[...] todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria um real na própria historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita. (CHARTIER, 1990, p. 62-3).

Neste sentido Darnton (1987) também sugere que:

Fazendo perguntas aos documentos, prestando atenção às respostas, pode se ter o privilégio de auscultar almas e avaliar as sociedades por elas habitadas. Se rompermos todo o contato com mundos perdidos, estaremos condenados a um presente bidimensional e limitado pelo tempo; achataremos nosso próprio mundo. (DARNTON, 1987, p. 7).

Entendemos a literatura como um documento da sociedade que o produz, e se quisermos conhecer uma nação, a literatura será também uns dos caminhos para termos acesso à sua estrutura política, econômica e ideológica. Pois em cada lugar uma história se constrói.

Ao fazermos este estudo da literatura regional, isso abre portas para pesquisas de cunho crítico-social, e, principalmente, porque são fontes ricas, de valor social, histórico e cultural relevantes para pesquisadores, estudantes e professores interessados em conhecer um pouco mais da nossa região.

Cada espaço possui características peculiares, assim a identidade do povo brasileiro não se pode comparar com os americanos, da mesma forma que não se deve comparar os costumes e culturas dos cariocas com os da Bahia. Somos um país diverso, como são diversos os indivíduos e suas histórias. Deste modo chegamos a uma lógica simples, de que não existe uma literatura única e universal, pois em cada região há uma diversidade de histórias, resultando em diversas formas do fazer

literário. Segundo Chartier (1990) a literatura “tem por principal [...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos de uma determinada realidade cultural é construída, pensada.” (CHARTIER, 1990 p. 27).

É fato que a formação dos leitores ainda passa pelo protagonismo de uma literatura estritamente consagrada, que monopoliza a formação leitora nas instituições de ensino – sem que haja um diálogo das leituras ditas oficiais com as demais representatividades da sociedade. Há um comodismo impregnado que até então não permite que olhemos para autores regionais, que têm muito a contribuir com a literatura nacional, afinal, cada região é uma parte do todo brasileiro que representa a nossa história.

Segundo Pires (2003) “A história que se efetua através do tempo deve considerar os percursos, as trajetórias, as dinâmicas, as continuidades e descontinuidades em que a pesquisa histórica se inscreve” (PIRES, 2003, p. 21, *apud*, SANTOS, 2014, p. 29) O interessante não é o isolamento do conteúdo, mas sim, evidenciar as relações, contradições e os conflitos sociais, que muitas vezes ficam de fora da narrativa histórica literária. Estamos inseridos em uma complexidade formada por elementos que só farão sentido quando as particularidades do local que ocupamos forem melhores compreendidas, dando uma maior segurança e fundamentação no ato da escrita tridimensional.

O processo histórico é dinâmico no espaço-tempo, o qual nos apresenta histórias que até podem ter algumas semelhanças, mas sempre irão nos trazer especificações que demandam estudos mais aproximados dos fatos, a fim de esclarecer os reais motivos que condicionaram o momento político e social e reverberam na literatura. Esta aproximação da literatura com a história não é uma abordagem nova, pelo contrário, é uma parceria que ilustra os primórdios da escrita literária, tão necessária que permanece vigorosa nas obras de grandes escritores a exemplo de Camillo de Jesus Lima.

3. UMA VOZ POÉTICA E POLÍTICA VIBRA NO SERTÃO DA BAHIA

Camilo de Jesus Lima fez de sua literatura um debate crítico do social, sua poética é marcada pelo realismo, pode até nascer com tons do romantismo, parnasiano ou modernista, mas o escritor preferiu evidenciar a realidade, uma escrita construída sem arremates ou algum embelezamento que dificultasse enxergar o real vivido por ele e o povo. O aspecto livre de sua imaginação promove uma articulação entre a (subjetividade e o realismo), no entanto, isto não impede que as pessoas se reconheçam nos enredos, o que é muito interessante na relação literatura e sociedade.

A diferença é que a literatura do escritor não se prende a estéticas ou padrões que geram impasses na transcrição social – os quais são melhor superados com os recursos que a arte literária lhe oferece. Camilo nos diz que o papel da arte vai além da vaidade, a produção artística não deve contentar-se com paisagens e o sorriso da sociedade, é preciso tratar a arte com seriedade diante os problemas e conflitos que atingem as classes na estrutura social.

[...] A missão da arte é bem mais alta do que pensa certa gente vaidosa. [...] A arte nunca deve ser sorriso da sociedade. Arte é coisa muito séria, assim penso. Um Zola, um Dostoiévski, esses nunca sorriram para a sociedade. (LIMA, 1943, p. 15 *apud* MEIRA, 2017, p. 38).

Neste sentido, Oliveira e Rodrigues (2017) reforça este pensamento quando nos diz que:

[...] a cultura não deve ser vista como um conceito 'bonito' para pensar a sociedade, é preciso compreendê-lo inserido numa realidade complexa, variada e conflituosa, onde a cultura não é apenas o lugar da afirmação da identidade, do 'eu' positivo, da variedade, da diferença, ela é ainda o local de negação, de exclusão, de relações de força e de poder, da luta por emancipação e também pela dominação. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2017, p. 99)

O poeta não omitiu da sua arte os sons do mundo, mesmo residindo no interior da Bahia, estava atento aos conflitos da segunda guerra mundial em 1944, solidariza-se com aqueles que viviam os horrores e condena na sua escrita a indiferença das artes, que não repercutiam com ênfases, as barbaridades cometidas nos continentes.

No poema "O poeta escrevendo", escrito em 30 de outubro de 1944, Camilo traz para nós um cenário nos campos de batalha da segunda guerra, em que não

morreram apenas soldados, mas ceifou a vida de mulheres e crianças no fogo cruzado das bombas, tiros de metralhadoras e as diversas atrocidades de um estado de guerra. Para conhecimento segue o texto com transcrição feita por Meira (2010) dos manuscritos do poeta:

O poeta escrevendo

Solidão uma conversa! Eu estou é no meio do mundo.
 Do que serve trancar a porta?
 Do que serve botar as mãos nos ouvidos?
 Do que serve fazer o papel de surdo que não quer ouvir?
 Gritos de homens da rua entram, apesar de tudo,
 Vozes angustiadas de mulheres perdidas entram, apesar de tudo.
 Uivos de seviciados entram, apesar de tudo.
 Solidão uma conversa! eu estou é no meio do mundo.
 Os eunucos estão fazendo flores nas torres de marfim,
 Mas eu estou é no meio do mundo.
 O rumor das ruas confunde-se ao ritmo do teclado da máquina;
 Metralhadoras escrevem poemas no teclado da máquina,
 Cavalos estão batendo patas no teclado da máquina.
 Gente lutando,
 Suando,
 Amando, nas cinco partes do mundo.
 Quem pode escrever poemas na solidão,
 Se portas trancadas nada valem
 Se mãos nos ouvidos nada valem,
 Se fazer o papel do surdo que não quer ouvir nada vale,
 Se os olhos dos moribundos ficam, do alto, iluminando as páginas,
 Se mãos alvas vêm acender o cigarro, devagarinho,
 Se o rumor das ruas vem fazer coro ao ritmo do teclado da máquina?
 Solidão uma conversa! Eu estou é no meio do mundo. (LIMA, 1944,
 sp, *apud*, MEIRA, 2010, p. 24).

O poeta nos transporta para a zona de conflito, a história e a literatura se fundem na escrita, um resultado do material histórico que passou a dar um maior significado na produção literária, ficção e realismo num mesmo espaço, interagindo na leitura; o texto está construído a partir das ações humanas, as quais provocaram a inspiração, são objetos de cunho social que o autor faz ressurgir, com tons literários, mas que não deixa de ser um resgate dos atritos advindos da relação sociocultural, seu pensamento e criatividade juntam-se à materialidade histórica, transformando em um produto literário social. Camillo sempre deixou claro que sua obra dialogava com o real, construiu uma literatura liberta dos padrões estéticos e dos mecanismos de controle que pudessem ocultar a realidade.

Houve tempos em que a literatura estava a serviço dos interesses de uma minoria, em que o real não ganhava as páginas literárias. Camillo sempre fez uma

crítica pertinente dessa literatura, em que a essência do povo não recebia as luzes dos holofotes. O poeta denuncia a hipocrisia literária de alguns que fecham os olhos para a realidade. Segundo Ricoeur (2007, p. 224) “[...] a literatura destinada ao povo não deve ocultar a literatura produzida pelo povo”. A literatura de Camillo apresenta uma relação mais íntima com o povo, um produto social, produzido pela história da humanidade.

A arte poética na sua origem balizou-se em temas universais, em que a natureza e o amor eram protagonistas nos versos, a emergência social passava despercebida das produções. É bem verdade que Camillo de Jesus Lima, em sua obra, pode até falar do amor, mar, do vento e das árvores... mas sempre irá conduzir a recepção da leitura para uma reflexão num envolvimento entre os temas universais com a dinâmica política e social. Assim, o amor e a natureza passam a assumir o papel de coadjuvantes no processo da escrita poética.

A arte vive num constate diálogo com as dinâmicas no espaço-tempo, ela está sujeita as transformações – e quando ocorre a sua estagnação, isso constitui um descompasso, uma negação ao processo evolutivo por conveniência ou ignorância, como afirma o trecho do artigo intitulado “Inquérito sobre a crise da poesia”, de Camillo de Jesus Lima, publicado na seção “Cadernos de notas” do *7 Dias*, o qual circulou na capital baiana em 1956. Segundo Meira (2010), Camillo traz uma análise do papel da poesia enquanto crítica social, pois na visão do escritor, a arte é sucessível a mudanças, e colocá-la a serviço para atender interesses de uma classe, isso significa pôr em xeque a liberdade da escrita.

Eu não encaro a arte como cousa estagnada, como dogma. Encaro-a como um fenômeno de superestrutura, sujeito, portanto, a transmutações e a evoluções, como todas as coisas. A arte é uma consequência das condições de sua época. Sendo a poesia uma arte não poderia fugir à regra. [...] A poesia não pode fugir à realidade de seu tempo, porque, se o fizer, não será capaz de influir sobre ela. (LIMA, 1957, s/p *apud* MEIRA, 2017, p. 49).

A submissão da arte às diretrizes do capital financeiro e intelectual mascara a realidade do povo; a indiferença da obra com a causa social não oferece uma crítica de valor. Camillo preza pela independência da produção da arte literária, defende que a mesma precisa acompanhar os eventos históricos, para que se tenha mais veracidade com os fatos que envolvem as diferentes camadas da sociedade. A negação aos conflitos ideológicos e econômicos provenientes da relação estrutura e

superestrutura resultará em uma literatura vaga de conhecimentos e críticas. No texto seguinte o escritor explana bem o seu comprometimento com a arte e a sociedade.

No poema “A um parnasiano” escrito em 1955, Camillo nos envolve em um “duelo” entre os poetas classistas e os modernistas, de um texto padronizado versus a escrita tecida das experiências humanas. O eu lírico difere-se dos escritores da literatura que se preocupam com os padrões estéticos.

A um parnasiano

Não tenho, como tu, a alma de grego.
 Tenho a alma de um bárbaro indômito
 Crestada de sol, batida das intempéries.
 Não posso levar minhas emoções para casa, como tu fazes.
 Porque eu não resistiria trazer dentro de mim essa tormenta
 E explodiria, com certeza, se guardasse dentro de mim esse vulcão
 imenso.
 Minha poesia vem como o anátema dos profetas:
 Indômita, louca, sem peias, desatinada.
 Sobe com a fumaça do meu cachimbo,
 Sai dos meus lábios, ríspida e bárbara, como os meus gritos de amor
 e sofrimento.
 Eu tenho todas as dores humanas dentro de mim:
 Gritam operários caídos dos andaimes.
 Gemem meninos com fome.
 Abençoam mães martirizadas.
 Amaldiçoam prostitutas bêbadas.
 Que rimas eu acharia para essa tormenta poética?
 Que metros meus dedos poderiam contar para esse turbilhão
 emotivo?
 Não. Minha poesia não é, como a tua, a flor cuidada nos interiores
 silenciosos.
 Minha poesia é aquele cardo selvagem de Bandeira,
 Que as mãos dos homens nunca puderam tornar delicado.
 Não tenho, como tu, a alma de grego.
 Tenho a alma de mongol
 Não nasci vendo o céu sereno e o mar azul.
 Nasci recebendo na face a chicotada da neve das estepes imensas.
 Tu contornas teus versos de mármore com o cinzel delicado,
 Como se fizesses colunas para salões fidalgos.
 Tu facetas teus versos de ouro com o buril,
 Como se eles fossem um mimo de Celini para as mãos das princesas.
 Os meus versos, eu os atiro a esmo, nas faces dos maus.
 São blocos de pedra que eu tiro da alma, com marteladas fortes
 Para construir, com a argamassa do sangue e das lágrimas,
 O grande monumento, disforme e rude, ao sofrimento universal.
 Não. Eu não tenho, como tu, a alma de grego. (LIMA, 1955, sn, apud,
 LEITE; MEDEIROS; BRITO, 2015, p. 69).

O escritor construiu uma imagem literária em que o seu “eu” abraça a questão social. A literatura camiliana repousa sobre a complexidade que envolve a estrutura, um enredo puro, que não se submete ao crivo elitista ou estético. Trata-se de uma representatividade que não se limita a uma classe qualquer, ela abrange os interesses dos menos favorecidos, aqueles cidadãos invisíveis que são silenciados pela visão romântica da estética elitista.

Abaixo fazemos referência a um texto de Ferreira Gullar que evidencia bem o quanto a literatura deve estar comprometida com as classes menos favorecidas e por entender que a história, a ciência, a literatura, as artes de modo geral não são construídas apenas com a participação de uma classe.

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz. (GULLAR, 1990, *sn apud* MANETTA, 2017, p. 78)

Muitos escritores tiveram suas obras silenciadas pelo sistema político brasileiro, principalmente, quando se trata de escritores que vão contra ao que tal sistema preconiza como padrão cultural. O que se pode constatar é que muitos deles e suas obras permanecem esquecidos pela crítica.

O inventário da literatura brasileira não privilegia a narrativa da massa, as fontes de estudos culturais partem ainda da visão colonizadora. A literatura de massa vem para contornar a curva, estende um olhar crítico literário também para os atritos da vida do proletariado, na tentativa de incluir o drama das classes subalternas na escrita do processo histórico em sua estrutura política e econômica.

As literaturas emergidas dos caminhos da periferia, das fábricas e do chão seco do sertão, trazem um olhar diferenciado da realidade, como sinaliza Barossi (2017): “[...] uma vez que vêm de espaços historicamente silenciados e marcados por resquícios ainda presentes, na contemporaneidade, do colonialismo e da escravidão”. (BAROSSO, 2017, p. 24). Assim, começa-se uma nova versão da literatura, se antes o padrão clássico apresentava-se como o dito oficial, agora com a evidência da palavra marginalizada no cenário literário, cria-se um ambiente em que as massas populares

começam a ter mais visibilidade. O que foi possível, graças ao comprometimento de escritores que atuaram diretamente no cotidiano como participantes das batalhas diárias, das lutas por seus direitos, melhores condições de vida e uma sociedade mais justa na partilha das riquezas produzidas até então negadas aos trabalhadores; horizontes que a literatura classista ignorava ou preferiu contar tão-só a história das conquistas e os triunfos dos senhores.

O interesse pelos grandes acontecimentos não é uma prática tão antiga, segundo Sousa (1999), isso atravessou os séculos, em que o olhar crítico literário voltava-se sempre por eventos relacionados aos feitos da classe dominante, enquanto que, os subalternos atuavam em segundo plano, diminuindo a sua participação e importância na história política.

Durante muito tempo, particularmente ao longo do século XX e início deste, a história política foi vista e combatida como uma história centrada apenas nos relatos dos grandes acontecimentos políticos e militares, desprezando, portanto, outros aspectos da atividade humana, e a análise científica dos grandes acontecimentos históricos. (SOUZA, 1999, p. 07).

Escrever a história somente a partir da visão imperialista significa privar o conhecimento das particularidades que existem nas relações conflitantes dos grupos sociais, entendemos que, o fenômeno da vida está emaranhado com toda estrutura social, e ao submeter a narrativa histórica em uma triagem, é o mesmo que desviar o olhar da verdade, das bases que alicerçaram a dinâmica que conhecemos.

Segundo Barossi (2017) a literatura da massa vem buscando preencher as lacunas deixadas pelos velhos autores classistas, e procura transcrever a vida com mais originalidade, remove a estética do bem-sucedido, a glória dos colonizadores.

Os novos autores passam a construir uma literatura que põe em evidência o dia a dia da luta pela sobrevivência dos excluídos. Desconstruir o discurso romântico do colonizador foi o caminho para ascensão da palavra marginalizada. Os escritores da resistência se comprometem com a totalidade da vida dos que lhe cercam, nos proporcionam a visão do conjunto, abrem a nossa percepção do mundo e esclarecem o porquê das estruturas políticas sociais em vigência. Passamos a compreender os elementos ou ações que forjaram o nosso momento, que antes eram sucumbidos pela forma ou interesses políticos do sistema capitalista.

A crônica a seguir possui transcrição do texto original com padrão linguístico da época, intitulada “Este Lugar me convém”, publicada em 1944, no jornal *O Combate*. Nela Camillo consegue trazer uma crítica à negação que o padrão tem pela realidade social.

Si fosse anos atrás o título desta crônica seria em latim. Abriria a velha Enciclopédia nas ‘Locuções latinas e estrangeiras’ para ver si *angulus* é escrito com O ou U, e, bancando pose, citaria Horacio em todos os títulos estâncias e versos. Porque há muita semelhança entre nós, quando começamos a desovar infâmias literárias, e esses velhos alegres, contadores de anedotas picantes, que gostam de passar por fortes, blasonado³ aventuras incríveis. Nos gabamos do que não temos. Eu nunca tive camaradagem com a hora *horae*. Mas, no início da minha mania literária, – nunca que tem dado dor de cabeça aos integralistas e aos parnasianos, – nunca deixei de fazer visitas à velha Enciclopédia nas < Locuções latinas e estrangeiras >. Agradeçam, portanto os meus possíveis leitores a uma viva compreensão que venho tendo ultimamente da literatura, o não darem de cara como o *Angulus rider*⁴ do velho Horácio, no alto desta crônica.

Mas, isso não vem ao caso. O que eu quero dizer, hoje, é que estou muito bem no meu tempo. Sou um sujeito satisfeito da minha geração intelectual. Posso até dizer que sou um sujeito orgulhoso da minha geração intelectual. Não sei, mesmo, si poderia viver e produzir em outro lugar e em outra época. Tudo o que a literatura é hoje é o que eu acho que ela deve ser. Vida, Luta, Suor, Cacau, Bagaceira, Café, Angustia. Trabalho Amor, amor, – clorótico, de suspiros, mais Amor vida libertação.

Os literatos de outro tempo viviam escondendo a vida. Hipócritas ou ingênuos? Parecem-nos eles com esses rapazinhos filhos de família que escondia dos pais a revelação vergonhosíssima do despontar da barba ou da visita imperiosa das escandalosíssimas necessidades do homem. Ou parecem-nos essas velhas faladoras da vida aleia que só cortam a pele do próximo que está longe, batendo na boca e protestando pureza. Viviam escondendo a vida. Daí dizerem os imbecis que a literatura é o sorriso da sociedade. Mas a minha geração é uma geração diferente. Não cata flores anacrônicas, não engarrafa nuvens. Nem vê num rabo de saia uma asa de anjo. Vê a vida como ela é. O que caracteriza minha geração é não ter medo de escandalizar a burguezia puritana. Escandaliza não por cabotinismo⁵, como o meu delicioso Baudelaire que pintava de verde a cabeleira. Mas revelando aos olhos dos ‘boa vida’ o que eles sabem muito e fingem não saber.

³ Agir ou expressar-se com orgulho ou vaidade a respeito de algo, ou para chamar a atenção sobre si, esp. alardeando qualidades, virtudes, feitos etc., de modo mentiroso ou exagerado

⁴ Expressão usada por Horácio, aplicada a Tarento, mas que pode ser aplicada a qualquer lugar de que se gosta.

⁵ Modo de vida de cabotino (ator ambulante)

Eu só faço literatura porque os homens da minha geração revelaram ao povo que a literatura é para ele. É dele. É cimento. Suor. Cacau. Café. Trabalho. Agonia. Bagaceira. Perseguição. Cadeia. Safra. Pobreza. Amor. Dor. Terra. Trabalho. Pão. Liberdade. Chamem-nos 'imortais' com aspas e 'tiras' intelectuais de literatos de esquerda. Caluniem-nos as desmoralizadas elites, de envenenadores do povo, de violadores da língua. Arregalem os olhos aflitos, do alto das suas torres de marfim os eunucus⁶ que subiram de escada, pensando que as asas nasceriam lá em cima, mas que só viram nascer orelhas. Não importa. Minha geração está pintando a vida para melhorar a vida. E eu estou bem, respirando o mesmo ar que respiram Jose Américo Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Dalcídio Jurandir, Raquel de Queiroz, Érico Veríssimo, Emil Fahrat Amado Fontes, Oswald de Andrade, Abguar Bastos, Gilberto Freire, Anísio Teixeira, Edson Carneiro, Alves Ribeiro, Rossini Camargo, Guarnieri, Sosígenes Costa, Aydano do Couto Ferraz e esse imenso, esse querido Jorge Amado que, agora, com 'São Jorge dos Ilhéus, acaba de me mandar uma mensagem vibrante de compreensão da vida e de crença na Esperança.

Nunca tomei chá na Academia (aí não tomei em pequeno!) ao lado do duvidoso Sr Menotti, do gracioso paulista de quatrocentos anos Sr Guilherme de Almeida ou do quase centenário portuga Sr Filinto de Almeida. Nunca receberei também, das pias mãos do Sr Tristão, a medalha honorífica de uma ordem qualquer. Mas também não faz mal. Por que sempre segui à risca o ímpeto dos meus extintos. Só procuro o lugar onde fico à vontade. E estou no lugar que me convém... (LIMA, 1944, p. 1-2)

O escritor situa-se no espaço-tempo, e identifica-se com a geração intelectual que escreve a vida com tons mais sociais, faz da literatura uma abordagem mais ampla, que ultrapasse as barreiras estéticas da palavra elitizada, uma geração que voltara o olhar para a vida e as suas contradições no processo político social das massas. No trecho seguinte da crônica iremos selecionar palavras-chave que sinalizam a verdadeira representatividade de uma literatura social. Camillo de Jesus Lima declara que.

Eu só faço literatura porque os homens da minha geração revelaram ao povo que a literatura é para ele. É dele. É cimento. Suor. Cacau. Café. Trabalho. Agonia. Bagaceira. Perseguição. Cadeia. Safra. Pobreza. Amor. Dor. Terra. Trabalho. Pão. Liberdade.

⁶ É um homem castrado, que teve os testículos e/ou o pênis removidos. No sentido figurado o termo é usado com o significado de "estéril", "impotente", "fraco" ou "inútil". No Oriente Médio e na China, o eunuco era o guarda encarregado de cuidar dos haréns, local da casa reservado às esposas e odaliscas.

Camillo de Jesus Lima faz um jogo literário com títulos de obras, como por exemplo: *Cacau*, *Bagaceira* e *Angústia*.

Cacau é o segundo romance de Jorge Amado, publicado em 1933, o romance traz a vida daqueles que dependiam do cacau, fruto que dominou a economia do sul da Bahia, região de ilhéus, à custa do trabalho de muitos que passaram a depender das diárias oferecidas pela elite cacauzeira.

A *bagaceira*, de José Américo de Almeida romance publicado em 1928, texto regionalista, apresenta o cenário das migrações dos sertanejos, os horrores provocados pela seca, povos que passaram a viver da dependência do senhor de engenho. A *Bagaceira* mostra uma crítica às relações sociais e os contrastes do homem sertanejo versus o homem do brejo (dos engenhos).

Angústia, obra de Graciliano Ramos, foi publicada em 1936, tendo sua principal característica a descrição dos estados de alma dos indivíduos que se questionam o tempo todo sobre si e o mundo.

Na perspectiva de Camillo de Jesus, essa geração representa os agentes que transcrevem a verdadeira crítica da face social. São produções que vão além da vaidade e fazem da literatura um mecanismo capaz de promover o debate do processo histórico na estrutura social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento em que o nosso Assis Baiano - caso assim possamos compará-lo pela grandeza da obra e do trato com as palavras ao grande Machado, e por ele ser aquele que se dispôs a transformar o seu cotidiano numa narrativa literária – materializou nos poemas e crônicas a sua história, na qual, ele não se encontra sozinho.

Camillo de Jesus Lima não se limitou apenas na descrição social das pequenas cidades por onde passava, promovia também um debate entre o regional e nacional. Buscava sempre estar informado de como estava a humanidade em seus tempos e lugares. O poeta utilizou a literatura para lidar com as questões de cunho social, faz dela uma estratégia para argumentar e revelar as demandas que brotam das comunidades, de ordem cultural, política ou social. O que nos permite aproximarmos das causas por que lutou e viveu, seja na esfera regional como nacional.

Ao promover o intenso debate das mazelas sociais, no âmbito regional e nacional, mediado pela literatura, entendemos que o papel desse escritor enquanto crítico regional ultrapassou as fronteiras geográficas e se fez ouvir em várias partes do país. E sua voz reverbera ainda hoje.

Ao darmos visibilidade a autores como Camillo de Jesus Lima e às obras que retratam cada tempo e lugar, contribuímos com o conhecimento de narrativas sobre a nossa história, por via da crônica, do conto ou da poesia, a literatura (re) apresenta a sociedade.

A sensibilidade artística e política que move a escrita de Camillo de Jesus Lima surge em concomitância com o panorama social de seu tempo, que, sem dúvidas, foi uma grande fonte de inspiração. Os versos camilianos nos provocam uma reflexão da realidade sob o ponto de vista da imbricada relação entre literatura e história, visto que Camillo converge o drama real e o ficcional, fato que contribui na identificação e aproximação do leitor.

A literatura cria afinidades mais profundas com o leitor quando a temática do texto é descrita por detalhes semelhantes ao seu lugar, isto faz com que ele se projete nessa idiosincrasia literária. A produção de Camillo Jesus Lima trata de obras que se passam em um cenário bastante perto das questões que têm uma identificação específica com o local, sem descolar do universal, do que é genuinamente humano.

Assim, o enredo literário age como um grande mediador social, provocando a inquietação do público com a realidade de seu tempo e lugar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Edinalva Padre *et al.* A reportagem como vinculação ideológica: contexto político de 1962/1964 a imprensa escrita de Vitória da Conquista. **Política: o poder em disputa** – Vitória da Conquista e região. Memória Conquistense, n.4. Vitória da Conquista: Museu Regional/Universidade do Sudoeste da Bahia, 1999.

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de; MEIRA, Esmeralda Guimarães. Memória da crítica – Camillo de Jesus Lima pelos pares. **Kalíope**, São Paulo, v 12, n. 23, p. 34-54, 2016.

BAROSSO, Luana. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea: **Poéticas da escrevivência**. n. 51, p. 22-40, maio/ago. 2017.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8 Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução**: o submundo das letras no Antigo Regime. Tradução Luís Carlos Borges, São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

EAGLETON, Terry. **Literatura e História** Marxismo e crítica literária. São Paulo. Unesp, 2011.

FAUSTO, Boris (org.). O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964). TOMO 3, vol.4. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995. (Col. História da Civilização Brasileira)

IVO, Isnara Pereira. Poder local e mandonismo na cidade: da Conquista: violência e administração pública. In: Aguiar, Ednalva Padre (Org). **Política: o poder em disputa** – Vitória da Conquista e região. Memória Conquistense, n.4. Vitória da Conquista: Museu Regional/UESB, 1999. p. 55-89

LEITE, José. Camillo de Jesus Lima. *Cooperação*, Itabuna, novembro de 1945.

LIMA, Camillo de Jesus. **Este lugar me convém**. O Combate, 7 de agosto de 1944, número 32, Ano XV, Vitória da Conquista, Bahia.

LIMA. Camillo de Jesus Lima: entrevista. **Revista Cooperação**. Itabuna/BA, novembro, 1945.

LIMA, Camillo de Jesus O capital industrial e a abolição da escravidão. **O Combate**, 24 de maio de 1947 b.

MANETTA, Alex. Cidade, memória e a formação de sentidos urbanos na dialética do espaço geográfico. **Revista Rua**, Campinas, Número 23 – Volume 1, Junho 2017 | p. 77 – 91.

MATTA, João Eurico, A poesia primeira de Camillo de Jesus Lima, **A Tarde** (literatura e arte), Salvador, 19 de abril de 1956 a.

MATTA, João Eurico A poesia segunda de Camillo de Jesus Lima, **A Tarde** (literatura e arte) Salvador, 2 de junho de 1956 b.

MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo; LEITE, Carlos Jehovah de Brito (orgs) **Camillo de Jesus Lima (1912 - 1975) Obra Poética**. v 2, Salvador – BA, Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2015.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. **Um lugar para o poeta baiano Camillo de Jesus Lima: entre nós**. Salvador/BA: Revista Tabuleiro da Letras do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens Universidade do Estado da Bahia – UNEB Departamento de Ciências Humanas – DCH I, 2010.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. **Muito além das tardes nevoentas**: um estudo da lírica de Camillo de Jesus Lima. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens), Salvador: PPGEL/UNEB. 2010.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. **O arquivista de si – história e memória do escritor Camillo de Jesus Lima** Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade), Vitória da Conquista: PPMLS/UESB. 2017.

MIRANDA, E. G.; ALVES, V. S. Vitória da Conquista: da redemocratização (1945) às sucessões municipais de 1950 e 1954. In: AGUIAR, E. P. (Org.). **Política: O poder em disputa** (Vitória da Conquista e região). Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/UESB, 1999. p. 134-162 (Série Memória Conquistense, 4)

OLIVEIRA, Elis da Silva; RODRIGUES, Cíntia Bárbara Paganotto. Literatura e História, unívocos!: breves considerações sobre o papel da produção literária e historiográfica vistas a partir do materialismo histórico. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – Igarapé**. v 5. n. 1. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RICOEUR. Paul. **A memória, a história o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SANTOS, Paulo Henrique dos. **Léguas tirana**: sociedade e economia no alto sertão da Bahia. Caetité, 1890-1930. Tese (Doutorado em História e Social) São Paulo USP, 2014.

SOUSA, Maria Aparecida S. de; BORBOREMA, Carlos Gomes. Literatura e Política: a trajetória de um poeta militante no interior da Bahia. **POLITEIA: Hist. e Soc.**, Vitória da Conquista, v.1, n.1, 2001, p. 225-245

SOUZA, Daniela Moura Rocha de; MAGALHÃES, L. D. R. Não fazem mal as musas aos... Alfaiates: um professor intelectual em Vitória da Conquista-BA – o caso de Laudionor de Andrade Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 13, n. 51, p. 80–91, 2013.

SOUZA, Maria Aparecida S de. Política e história: algumas reflexões In: Aguiar, Ednalva Padre (Org). **Política: o poder em disputa** – Vitória da Conquista e região. Memória Conquistense, n.4. Vitória da Conquista: Museu Regional/ UESB, 1999. p. 07-19

DEPOIMENTOS:

BONFIM, Agda Vilasboas. **Agda Vilasboas Bonfim (D. Dazinha)**: depoimento [27 ago. de 2015] Entrevistadora: Esmeralda Guimarães Meira. Vitória da Conquista, 2015. Audiovisual. 1,65 GB, 00:23:21 de duração. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

ANEXO A



O COMBATE

Semanario Independente e noticioso Registrado de acordo com a lei

tor: LAUDIONOR A. BRASIL Relator: CAMILLO DE JESUS LIMA

Não tardará o colapso nazista



WINSTON CHURCHILL

O discurso que o Ministro Winston Churchill pronunciou ha poucas dias em Londres, foi como um clarão de alvorada enchendo de intensa alegria o coração de todos os que se batem contra tiranos Ordinariamente pessimistas vendo as coisas pelo seu lado peor, o grande estadista britânico, desta vez, não pôde conter-se e deixou estivar e seu contentamento anunciando para breve, muito antes do que muita gente espera o colapso alemão. Tu como o Ministro Eden, que limitou para 7 semanas o fim da guerra com a Alemanha o premier britânico, está convencido de que não passará deste ano a derrocada do nazismo.

O jogo do bicho

Apelo ao Dr. Regis Pacheco, Prefeito do Município

Estamos informados de que elementos radicados em nosso meio estão empregando esforços no sentido de estabelecer nesta Cidade o nefasto "jogo do bicho". Não sabemos de noticia mais desagradavel a ser transmitida aos leitores de O COMBATE. Nem sabemos tambem de flagelo igual, de coisa que possa mais de perto prejudicar a vida economica duma população do que o "jogo do bicho".

E' um flagelo, djas e bem. O jogo de bicho é o peor de todos os jogos de azar. Afeta a todas as classes sociais. E' o mais pernicioso. O mais nefasto, porque interessa até ás crianças. Toda gente pode tomar parte nele, o que não acontece com os outros jogos de azar. Até as pessoas que ganham mal para comer e vestir, arriscam nessa aventura o seu parco dinheiro.

Já tivemos aqui, ha anos, esse jogo. E sabemos o mal que ele fez. Naquele tempo, entretanto,

a vida ora outra. Entra a situação do povo. Entra as condições da vida. E agora? Nem queremos estabelecer confrontos. A vida está carissima. povo que o diga. Os pobres passam uma vida de duras privações. Nós sabemos de perto, porque nunca perdemos o contacto direto com eles.

E é a esta gente que o jogo do bicho mais vai prejudicar, porque, erradamente na sua ignorancia, ela vai buscar na aventura do jogo um meio de melhorar a sua situação apertada.

Fazendo esta nota, outra intenção não temos senão a de apelar para o espirito humanitario do Dr Regis Pacheco, Prefeito de Conquista, para não consentir, que o "jogo do bicho" monte a sua tenda nefasta nesta Cidade. Já conhecemos, alia's, a opinião do Dr Regis a esse respeito. E estamos certos que ele não deixará de fazer a esta terra e a esta gente mais este grande e inestimavel beneficio.

AO PUBLICO

Por varias vezes, apesar da declaração que ha n'estaqui publicou, algumas pessoas me têm procurado no sentido de tratar de assuntos relativos a publicação de O COMBATE. Por este motivo, volto de novo a fazer publico que, ha alguns meses, por motivo de ordem absolutamente particular, afastei-me de uma atividade mais dita a juntar ao futuro do meu trabalho.

Conquista, 3 de Agosto de 1944
CAMILLO DE JESUS LIMA

Este lugar me convem

Camillo de Jesus LIMA

Si fosse ha uns anos atrás o titulo desta crônica seria em "estrangeiras" para ver si *angulus* é escrito com O ou com U, e, bancando pôse citaria Horacio em todos os titulos estancias e versos. Porque ha muita semelhança entre nós, quando começamos a desovar infamias literarias, e esses velhos alegres, contadores de anedotas picaentes, que gostam de passar por fortes, blasonando aventuras incríveis. Nos gabamos do que não temos. E nunca tive a maioradagem com o "hora horae". Mas, nos inicios da minha mania literaria, — que tem dado dores de cabeça aos integralistas e aos parnasianos, — nunca deixei de fazer visitas à velha Enciclopedia, nas Locuções latinas e estrangeiras. Agradeçamos, portanto os meus possiveis leitores a uma viva compreensão que *Angulus ridet* do velho Horacio, no alto desta crônica.

Mas, isto não vem ao caso. O que eu quero dizer, hoje, é que estou muito bem no meu tempo. Sou um sujeito satisfeito da minha geração intelectual. Posso até dizer que sou um sujeito orgulhoso da minha geração intelectual. Não sei, mesmo, si poderia viver e produzir em outro lugar e em outra época, Turquia ou que a literatura é hoje, é o que eu acho que ela deve ser: Vida, Luta, Suor, Caeu, Bagaçira, Café, Angustia, Trabalho, Amor, — não amor clerotico, de suspiros mas Amor vida, libertação

Os literatos de outro tempo viviam escondendo a vida. Hippocritas ou ingenuos? Parecem-nos eles com essas rapaziadas fiavelis — famílias que escandiam dos mais a revolução vergonhosissima do despontar da barba ou da vista impertosa nas escantuosissimas necessidades do homem. Ou parecem-nos essas velhas faladoras da vida alheia que se cortam a pele do proximo que está longe, batendo na boca e protestando pureza. Viviam escondendo a vida. Dai dizerem os imbecis que a literatura é o "horrio da sociedade. Mas a minha geração é uma geração diferente. Não está fora anacrônica. Não engarrafou duvens. Nem vê a vida como se saia uma asa de anjo. Vê a vida como ela é. O que caracterisa a minha geração é não ter medo de escandalizar a burguezia puritana. Escandalisa. Não por caladismo, como o meu delirioso Baudelaire que pintava de verde a cabeçeira. Mas revelando aos olhos dos "boa vida" o que eles sabem muito e fingem não saber.

Cont na 2a pag.

Kalinin, o amigo do povo da Russia

Bruno Baejar

Joseph Stalin é um nome hoje, popularmente conhecido das nossas massas. Todos sabem em Stalin como um familiar. E' o supremo marechal dos grandes exercitos da Russia, de todos os tempos.

Todos conhecem Stalin e muitos poucos conhecem Mikhail Ivanovitch Kalinin, presidente do Supremo Soviet de Russia.

Kalinin, é de fato, o grande chefe da Russia, e por isso mesmo, o grande chefe de Stalin, admirado e querido em todas as Russias.

O seu nome pouco figura no cotidiano da imprensa e pressa de muitissimo popular, nas terras moscovitas. Pouco tempo, na realidade para ele no Kremlin, onde simplesmente atende as exigencias e formalidades diplomaticas.

Tudo o seu tempo é consagrado e absorvido pelo seu povo e independente das pragmaticas e exigencias oficiais. A quarta Casa dos Soviets, hoje soberanamente conhecida em toda Europa como Casa de Kalinin, é a sede permanente, onde o Presidente da Russia passa o seu tempo, atendendo as reclamações do seu povo. Ali não existe burocracia, não existe papelorio. E a casa do povo, a Casa de Kalinin. Ali vão ter delegações vindas de todas as partes da Russia, as vezes de simples camponeses ou de indviduos. Durante os anos da década de 1920 até o tempo em que viajara forçou difícil na União Sovietica, a maioria dos apellidos trazia consigo toda família.

—Mas tarde, eram na maioria, operários e também soldados, esposas de erimiosos, de ebricos a que se haviam imposto uma sentença de prisão (na Russia aplica-se penalidades aos ebricos) em suma uma percentagem heterogenea do povo russo passou diante dos olhos de Kalinin. Provavelmente, ninguém na Russia Sovietica sabe tão em quanto ele o que o povo sente em dado momento a respeito de qualquer assunto.

E isto repousa seu valor para o governo e em particular para Stalin como um interprete colocado entre Stalin e o povo da Russia Sovietica. Kalinin pertence a um e outro, afirma o brilhante jornalista norueguês, C. N. S.

O Brasil na vanguarda

WASHINGTON — (INTER-AMERICANA)—O Brasil está na vanguarda de todos os países das Americas do Sul e do Centro nos atuais programas de expansão industrial e de construção.

segundo um estudo que acaba de ser publicado pela Business Publishers International Corporation. O estudo revela que 19 países americanos estão gastando o equivalente a cerca de 656 milhões de dolares para expansão industrial e construções, quando o montante do Brasil se eleva a um terço do total. As despesas totais do Brasil, segundo o referido estudo são de 239.000.000 de dolares, sendo que vem depois o Mexico com 156.000.000 de dolares.

A construção de estradas e a expansão ou construção da fabricas para a industria cobre as maiores somas de todos os países. Os maiores projetos em execução pertencem ao Brasil. São o de Volta Redonda e o saneamento da Baixada Fluminense.

Cont na 4a pag

ANEXO C

Jornal *O Combate* de 1944



Camillo, de pé ao fundo, na redação de *O Combate*

[//agendaculturalpiracicabana.blogspot.com/2011/09/poeta-camilo-de-jesus-lima-esquece-lo.htm](http://agendaculturalpiracicabana.blogspot.com/2011/09/poeta-camilo-de-jesus-lima-esquece-lo.htm) / Acessado em 25 de junho de 2021.